

# *NOAS LITERÁRIAS*



*Para admirar esta...*

*e outras obras.*

Apreciação de leitura

Brasília, DF

—

maio/2018

*Leio romances, porque por eles conheço  
o mundo, o homem, as nações, os povos  
e, ainda que ficção, alcanço o real.*

Leitor: Armindo Ferreira

*Não servem para a Apice,  
devem se evitar textos polémicos*

*que envolvam política, religião.*

## *O Bailarino*

Colum McCann

Teria horror se tivesse que colocar livros numa fogueira, coisa que a Igreja Católica Apostólica Romana, em outros tempos, tanto fez e promoveu. Mas o presente livro queimaria, não pelos ditos palavrões ou por qualquer viés homofóbico. Queimaria porque o autor oferece um retrato falso do bailarino Rudolf Nureyev.

Na arte que encantou palcos da Europa e América é o segundo, dando primazia a Nijinsky, os dois melhores bailarinos do balé.

O retrato de McCann fez dele um reles dissoluto, devasso, que apela para o álcool e drogas. Se fosse assim, nunca chegaria a bailarino, quando muito a vulgar dançarino coadjuvante. Para ser bailarino na perfeição a que chegou, tinha que se dedicar e concentrar-se em tempo integral, a fazer de sua arte uma oração de vida. Tinha que cuidar da aura pessoal para que, sempre positiva, a todo o tempo vibrasse e brilhasse. Não, não podia submeter o corpo a desgastes abjetos. Tinha que estar sempre pleno de energia positiva. E assim era.

Rudolf Nureyev (1938 – 1993), bailarino e coreógrafo soviético, o mais celebrado do século XX. Fez par com Margot Fonteyn, uma das maiores bailarinas de todos os tempos.

Vaslav Nijinski (1890 – 1950), extraordinário bailarino e coreógrafo russo. Alcançou enormes sucessos, graças à sua habilidade técnica e ao seu estilo.

(McCann, Colum. *O Bailarino*. Trad.de Áurea Akemi Arata, São Paulo, Girafa Edit., 2004)

## *Conclave*

Roberto Pazzi

A obra recria ficcionalmente, num tempo futuro, um Conclave para eleição de um sucessor do Papa. O Conclave, nos moldes tradicionais, começa sem aglutinador de votos, e se prolonga por tempo exageradamente longo, submetendo os cardeais e demais participantes a desgastante sacrifício de clausura. A delonga, que chega a quatro meses, acaba por favorecer o surgimento de coisas estranhas, em razão do estresse a que todos são submetidos: alucinações, loucuras, mortes.

No caso de alucinações, as dependências episcopais, inclusive a Capela Sistina onde se reúnem os cardeais para votação, são invadidas por pragas, travando-se uma luta em que para combater o Mal (ratos, escorpiões, morcegos) dá-se entrada a seus opostos (gatos, galinhas corujas) para que o Bem vença.

Quanto à loucura dá-se um caso extraordinário nas dependências de sauna e banho turco, cujas instalações haviam sido decididas para ajudar os cardeais a manter a sanidade de corpo e mente. É aí que o cardeal Zelindo Mascheroni, prefeito da Congregação para a doutrina da fé, perde as estribeiras (o episódio contém uma boa dose de ironia e ridículo) ao se deparar com a beleza escultural do corpo jovem do oficial, que também ali estava, responsável por sua segurança. Confuso, sussurra ao oficial que compareça à sua cela a pretexto de prestar-lhe contas do relatório do dia. Meia-noite, Zelindo estava morto, maquiado numa caricata figura de mulher. Não resistira à bela escultura do jovem.

Nas entrelinhas a obra desenvolve subtemas como o do celibato de uma castidade antinatural e hipócrita.

Ainda na loucura tem-se o episódio em que todos, incluindo os cardeais, se deixam capturar por uma dança ritual primitiva de origem africana, que atribuem à vigilância perseguidora do demônio.

As votações estendiam-se sem que se chegasse a um eleito. Até que o menos provável, o que vinha obtendo apenas um voto (depositado com fiel constância por um companheiro visionário), é eleito.

Segue-se o clímax! E, com apelo ao sobrenatural, até que emocionante!

(PAZZI, Roberto. *Conclave*. Trad. de Ana Thereza B. Vieira, Rio de Janeiro, Objetiva, 2006)

## *Mila 18*

Leon Uris

Ⓐutor americano (1924 – 2003), de obras muito lidas e conhecidas como *Exodus*, *Topázio*, *Armageddon*, *Colinas da Ira* e outras, oferece, na presente obra, minucioso relato da tragédia humana perpetrada pelo nazismo no tempo da Segunda Guerra Mundial. A leitura de *Mila 18*, é inquietante, exige pausas para que o leitor consiga atenuar, em si mesmo, o impacto dos horrores vividos no que ficou conhecido por Gueto de Varsóvia. Ao final da leitura pergunta-se: tal ferocidade no homem é possível? Sim, é possível!

Mas, ao final da leitura, surge também um inquietante questionamento. Por que ao longo da história se acumulam tantas tragédias hebraicas? Perseguições, diásporas, discriminações?

Remonte-se ao começo, quando um povo passa a se autodenominar *o povo de Deus, o povo eleito*, numa descabida e despropositada segregação, com consequências futuras, desastrosas para os próprios.

Povo de Deus! O único!... Como aceitar que Deus seja partidário, escolha uns e despreze outros? Não seria negar-lhe a plenitude? Se é pleno, não precisa de nada, não faz escolhas. Se escolhe falta-lhe alguma coisa. Eis o nó para rabinos, ulemás e outros iluminados.

Não há que recorrer a Bíblias, ou a Alcorões, produtos do requinte e da sensibilidade intelectuais do Homem, para assumir a crença de que naquela *primeira* discriminação estaria o moto-contínuo para o aparecimento, através do tempo, de funestos perseguidores, como Nabucodonosor, Tito, rainha Isabel, Hitler.

Povo eleito é toda a humanidade. Ou, então, o criador errou na criatura. E, assim, outro atributo estaria sendo negado, a perfeição.

(URIS, Leon. *Mila 18*. Trad. de Luciano de Campos e Vera Lúcia S. Gonçalves, Rio de Janeiro, Recorde, s/d)

## *Tito – A Profecia de Jerusalém*

Jean-François Nahmias

Romance histórico cuja trama se desenvolve no sentido de chegar a um fato de relevância histórica: a destruição do Templo de Jerusalém.

Começa no governo de Calígula, passa por Cláudio, Nero e pelos menores Galba, Ótão, Vitélio, estes três impostos pela Guarda Pretoriana ou pela força das legiões romanas.

As grandes figuras do romance são Vespasiano e seu filho Tito, generais que venceram a guerra na Judeia.

Vespasiano, chegando a Imperador, inaugurando a dinastia Flávia (Vespasiano, Tito, Domiciano), volta para Roma e deixa Tito na continuação da guerra, cabendo a este, na história, o epíteto de destruidor do Templo de Jerusalém.

Na obra, entretanto, tem-se que a ele não caberia tanto a responsabilidade e sim ao fanatismo dos judeus, que não se curvaram ao poder da máquina de guerra romana, crentes de que Deus, estando ao lado deles, defenderia o Templo.

*O fanatismo tira dos fanáticos qualquer possibilidade de bom senso.*

(NAHMIAS, Jean-François. *Tito – A profecia de Jerusalém*. Trad. de Caio Meira, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2005)

## *A Conspiração Franciscana*

John Sack

Obra curiosa porque décadas atrás, talvez um século, o escritor ver-se-ia impedido de escrevê-la. O poder da Igreja ainda se fazia sentir, e livros como este não se publicavam.

Durante séculos só ao clero cabia pensar e, portanto, a Igreja dominava o pensamento e as consciências. Coube ao autor a coragem de se expor a uma reavaliação da santidade de uma das figuras mais carismáticas do mundo católico.

Na obra, ainda que ficção, discute-se a veracidade dos “estigmas” que teriam surgido já no final da vida de Francisco, e que lhe valeram o apodo de “segundo Cristo” entre segmentos de religiosos.

Sabe-se que o frade não evitava o contato com os leprosos, e que, durante sua vida religiosa, não cuidava da sanidade do corpo, já que cuidar do corpo era pecado. Então, na obra, a hipótese, verossímil, de sinais de lepra, o que explicaria o desaparecimento intencional do corpo. Este levou 600 anos para ser encontrado.

“Não contemple a beleza de todo corpo e não se deixe ficar junto às mulheres. Pois das roupas sai a traça e da mulher a iniquidade do homem. Mais amarga que a morte é a mulher, aquela que é uma armadilha, cujo coração é como uma rede, e suas mãos são algemas. Quem agrada a Deus livra-se dela; o pecador, porém, será preso por ela”.  
p. 227 (Eclesiastes)

(SACK, John. *A Conspiração Franciscana*. Trad. de Maria Luiza Newlands e Márcia Alves, Rio de Janeiro, Sextante, 2007)

## *Inquisição — O Reino do Medo*

Toby Green

À Inquisição, a mais torpe instituição religiosa, que fazia despertar, na sociedade, nas comunidades, nas vidas familiares, o ódio, a vingança, a perseguição, a cobiça, a apropriação do alheio, reunia bandidos de batina (pseudo-religiosos) e bandidos de farda (oficiais do poder civil) para matar, sequestrar, torturar, expropriar, alardeando ascendência espúria de uns poucos (pervertidos) sobre populações indefesas.

A Igreja ainda não pediu desculpas por sua própria monstruosidade de lesa-humanidade. Perpetravam-se as maiores atrocidades em nome de Deus (pretexto), e o que se fazia era, na verdade, dar vazão a mentes desequilibradas, atendendo a taras pessoais, entre elas, a mais significativa, o prazer de sentir o sofrimento do outro, num sadismo doentio, quase orgástico, que só o Marquês de Sade poderia explicar. A Igreja, no uso e abuso de poderes religiosos e temporais, praticando a crueldade como se a crueldade fosse um atributo divino. “Quem duvida que aquilo que neste tribunal parece severidade da justiça não passa de remédio, ministrado pela misericórdia para a saúde dos delinquentes (discurso inaugural diante do Conselho da Inquisição em Saragoça, p. 44)

Não é obra ficcional, é obra de conteúdo histórico.

(GREEN, Toby. *Inquisição – o reino do medo*. Trad. de Cristina Cavalcanti, Rio de Janeiro, Objetiva, 2011)

## *A Rainha Ginga*

José Eduardo Agualusa

Romance que tem por assunto a história da rainha Ginga, personagem que ora hostilizava os portugueses ora a eles se aliava em Angola (séc. XVII). Figura histórica que teve destaque no tempo em que Luanda foi ocupada pelos holandeses e depois reconquistada por Salvador Correia de Sá e Benevides.

Na obra, a história da famosa rainha, que se dizia rei, constitui-se a principal trama do romance. Contudo, uma outra trama, de singular significado, e não menos importante, vai se desenvolvendo na fala do narrador.

Trata-se da vida ficcional dele mesmo, Francisco José da Santa Cruz. É padre, mestiço brasileiro, a escolha perfeita para, indiretamente, ter-se a voz do autor\*.

A importância da segunda trama está nos vários motivos que dinamizam a narração, com absoluto destaque para a discussão filosófico-religiosa, com densa argumentação ao longo da obra. Esta argumentação apresenta-se com naturalidade por agregar-se à figura do padre, que, expondo-se a conflitos existenciais, transfere-lhe autenticidade.

“Atente-se no meu caso, que fui em jovem padre e devoto e me acho hoje, à beira da morte, não só afastado de Cristo, mas de qualquer Deus, pois todas as religiões me parecem igualmente danosas, culpadas do muito ódio e das muitas guerras em que a humanidade se destrói”. p. 203

A liberdade de pensar, conquista recente que foi sendo adquirida, para valer, a partir do chamado Século das Luzes, deixa concluir com facilidade que as religiões, as atuais e as mais organizadas, se constituíram num tempo em que a humanidade estava, na escala do saber, na “infância”. Alcançada a maturidade, a inteligência se vê na recusa de determinadas “verdades”, que interesses corporativos pretenderam e pretendem irretocáveis e perenes. O livro, impresso, vem se constituindo, nos dois últimos séculos, no principal adversário das corporações religiosas e de suas “verdades” e fantasias imutáveis. Tanto é, que a Igreja veio, por esse mesmo tempo, perdendo o poder que despoticamente detinha e que exerceu por séculos, dispondo arbitrariamente das vidas humanas, decidindo, para agrado de egos exacerbados e pervertidos, o quanto de sofrimento e o tanto de vida que a cada um cabia.

\* O autor é angolano de ascendência portuguesa (pai) e brasileira (mãe)

(AGUALUSA, José Eduardo. *A Rainha Ginga*. Rio de Janeiro, Edit. Foz, 2015

## *A Saga do Marrano\**

Marcos Aguinis

Obra de conteúdo histórico relacionado com o Santo Ofício da Inquisição, na América Espanhola no século XVII.

Oferece uma leitura absorvente, instigante e opressiva, pela perseguição tenaz, cruel, desumana que o Santo Ofício do Vice-Reino do Peru, instalado na cidade de Lima, fez à família de Maldonado da Silva.

“Francisco Maldonado, o protagonista da história, é um médico judeu – convertido em cristão-novo – que luta contra seus temores e vacilações em um mundo impregnado pelo fanatismo e pelo horror à diferença promovidos pela Inquisição; um mundo regido pela hipocrisia e pela mais despótica corrupção”. (orelha)

O Santo Ofício multiplicava olhos e ouvidos ávidos em descobrir judeus. Descobertos eram presos, não importava de que categoria fossem ou que lugar ocupassem na sociedade. Se tivessem bens ou fossem ricos, melhor, além de presos eram vorazmente espoliados.

Mancha negra na história da Igreja! O Santo Ofício, no mundo em que atuou, foi desastrosamente pior do que a peste-negra, mais criminosa do que qualquer máfia, da Itália ou da América. O anticristo não estava fora da igreja, estava nela com o beneplácito dos papas.

\* Designação injuriosa aplicada aos judeus convertidos, mas que, supunha-se, continuavam clandestinamente a praticar o judaísmo.

(AGUINIS, Marcos. *A Saga do Marrano*. Trad. de Hugueta Sendacz, São Paulo, Scritta, 1996)

## *O Grande amigo de Deus*

Taylor Caldwell

Na obra temos a reconstituição do que teria sido a vida de Saulo de Tarshish, ou Paulo de Tarso. A autora segue uma linha mais ou menos concordante com o itinerário estabelecido pela igreja. Dá margem, porém, a que o leitor se defronte com a questão: pode ter sido assim, mas também pode ter sido de outra maneira.

A figura que se tem de Paulo é a de um espírito perigosamente radical, que decide por posições extremadas, capaz de trilhar um fanatismo obtuso em razão de princípios religiosos assimilados, na juventude, de maneira deformada. Em nome de Deus é capaz de tomar atitudes desumanas, com um perfil de eunuco preconceituoso, vingativo, cruel.

Em Paulo de Tarso assenta com muita justeza o pilar da igreja que, através do tempo, fragilizou a figura da mulher – companheira da serpente, filha do demônio, um ser fraco que desvia o homem do bom caminho (salva-se, é óbvio, a mãe de Jesus). Havia nele uma espécie de aversão à humanidade (p. 343)

A famosa cena, na estrada de Damasco, que o converteu ao cristianismo, pode ter sido aquilo como pode ter sido uma involuntária mistificação: Saulo chegara a um impasse, entregou para a morte muitos seguidores do nazareno, participou do assassinato do jovem Estêvão, seguia a viagem sorumbático, atormentado pela dúvida, não dormia e não se alimentava e, então, numa espécie de delíquio, aparece-lhe a figura que algumas vezes via em sonhos: Jesus. Nada sobrenatural!

Saulo ou Paulo, a Igreja fez dele um santo. Em tempos modernos teria sido levado perante a corte de Haia pelo crime de genocídio.

“A verdade tem mil faces e vozes, fala através de poetas ou igualmente pela boca de sábios, e tem inúmeros aspectos”. (Aristo, p. 530)

(CALDWELL, Taylor. *O Grande Amigo de Deus*. Trad. de Octávio A. Velho e José Sanz, Rio de Janeiro, Record, 2003)

